



**PROFINT - Profissionais Integrados Ltda**  
**FEBRAP – Federação Brasileira de Psicodrama**  
**EBMSP – Escola Bahiana de Medicina e Saúde**  
**Pública**  
**Curso de Especialização *Latu Sensu* em Psicodrama**  
**Trabalho de Conclusão de Curso**

**DOS PÉS AO ESPÍRITO: MORTE E RENASCIMENTO**  
**DE UMA PSICODRAMATISTA A PARTIR DO**  
**DESENVOLVIMENTO DOS PAPÉIS FAMILIARES**

**Autor: Helen Oliveira Fontes Aragão**  
**Orientador: Esp. Cybele M<sup>a</sup> Rabelo Ramalho**  
**Co-orientador: Esp. Maria Virgínia Souza Alves**

**ARACAJU/SE**

**2018**

**HELEN OLIVEIRA FONTES ARAGÃO**

**DOS PÉS AO ESPÍRITO: MORTE E RENASCIMENTO DE UMA  
PSICODRAMATISTA A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DOS PAPÉIS  
FAMILIARES**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação Lato Sensu em Psicodrama, da Profissionais Integrados Ltda em parceria com a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, reconhecido pela Federação Brasileira de Psicodrama, como requisito parcial para obtenção do Certificado de Especialista.

Orientador: Esp. Cybele M<sup>a</sup> Rabelo Ramalho – Psicodramatista – Didata – Supervisora nível III

Co-orientador: Esp. Maria Virgínia Souza Alves – Psicodramatista – Didata nível II

**Aracaju/SE**

**2018**



**Profint**  
Profissionais Integrados



**PROFINT - Profissionais Integrados Ltda**  
**FEBRAP – Federação Brasileira de Psicodrama**  
**EBMSP – Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública**  
**Curso de Especialização *Latu Sensu* em Psicodrama**  
**Trabalho de Conclusão de Curso**

**ATA DE DEFESA DA MONOGRAFIA**  
**(Folha de Aprovação)**

**DATA:** 13 de Julho de 2018

**LOCAL:** Sede da PROFINT\* (Aracaju/SE).

**TÍTULO: DOS PÉS AO ESPÍRITO: MORTE E RENASCIMENTO DE UMA PSICODRAMATISTA A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DOS PAPÉIS FAMILIARES**

**Autor:** Helen Oliveira Fontes Aragão

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista em Psicodrama da PROFINT-Profissionais Integrados Ltda em parceria com a EBMSP-Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, reconhecido pela FEBRAP-Federação Brasileira de Psicodrama, para a obtenção do grau de Psicodramatista (Nível I) – foco \_\_\_\_\_, aprovada nesta data, com a nota \_\_\_\_\_, correspondente ao grau/conceito \_\_\_\_\_, defendida perante a banca examinadora abaixo assinada:

\_\_\_\_\_  
Esp. Cybele M<sup>a</sup> Rabelo Ramalho – Psicodramatista-Didata-Supervisora nível III: Inscrição FEBRAP nº 270, fl.90, Livro I.

\_\_\_\_\_  
Esp. Maria Virgínia Souza Alves – Psicodramatista-Didata nível II: Inscrição FEBRAP nº 360, fl. 91, Livro II.

\_\_\_\_\_  
Msc. Tatiana Torres de Vasconcelos – Psicodramatista-Didata nível II: Inscrição FEBRAP nº 368, fl. 93, Livro

\* **PROFINT – PROFISSIONAIS INTEGRADOS LTDA.** Membro da FEBRAP – Federação Brasileira de Psicodrama. R: Poeta José Sales de Campos, 794, Coroa do Meio, 49.035-650. CNPJ: 01.890.418/0001-84.

(79) 3021-0757 / 99899-4563 / [contato@profint.com.br](mailto:contato@profint.com.br) – [www.profint.com.br](http://www.profint.com.br).

# SUMÁRIO

<b>ATA DE DEFESA DA MONOGRAFIA.....</b>	<b>03</b>
<b>RESUMO E PALAVRAS CHAVE.....</b>	<b>05</b>
<b>ABSTRACT E KEYWORDS.....</b>	<b>06</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO PSICODRAMA.....</b>	<b>09</b>
2.1 DEFINIÇÃO DE PSICODRAMA.....	09
2.2 FORMAÇÃO DA IDENTIDADE.....	11
2.2.1 MATRIZ DE IDENTIDADE.....	11
2.2.2 TEATRO TERAPÊUTICO E A TEORIA DOS PAPÉIS.....	14
2.2.3 ESPONTANEIDADE, CRIATIVIDADE E CONSERVA CULTURAL...	16
<b>3. CAMINHOS DE UM PSICODRAMA PARA A VIDA (MÉTODO) .....</b>	<b>18</b>
<b>4. RELATO DA EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>19</b>
<b>5. RELATO DA EXPERIÊNCIA PROCESSAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>22</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>26</b>

## RESUMO E PALAVRAS CHAVE

Este trabalho de conclusão de curso visa, através de pesquisa fenomenológica existencial, apresentar o caminho percorrido por uma jovem estudante de psicodrama na construção do seu papel de psicodramatista. Para tanto, traçou um caminho de consciência nas interações do seu átomo familiar e utilizou como instrumento de sua pesquisa fundamentalmente a *teoria dos papéis psicodramáticos*.

**Palavras-chave:** Psicodrama, Solilóquio, Inversão de Papéis, Tele e Átomo Social.

## ABSTRACT E KEYWORDS

### Abstract

This work of completion of course aims, through existential phenomenological research, to present the path taken by a young student of psychodrama in the construction of its role of psychodramatist. To do so, he traced a path of consciousness in the interactions of his family atom and used as an instrument of his research fundamentally the theory of psychodramatic roles.

### Keywords

Psychodrama, Soliloquy, Role Reversal, Tele and Social Atom.

# 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho retrata um pouco da minha história com o psicodrama e como eu integrei a minha família nessa nova forma de olhar e estar no mundo. Parto do princípio de que “*Moreno criou uma escola psicológica que aproxima a psicoterapia da vida cotidiana, estudando os papéis sociais e como eles se vinculam*”, utilizando-se da Teoria Socionômica (NUDEL, 1994, p. 11).

Ao entrar na Formação em Psicodrama, comecei a olhar para o meu lar e procurava visualizar os ensinamentos que Jacob Levi Moreno (1889-1974), criador do psicodrama, havia deixado para mim. Isso mesmo, pois, a partir das primeiras leituras, eu o considerava como alguém muito próximo e tínhamos muitas conversas no “como se”, diante das mais inusitadas situações que eu estava vivendo. Dessa forma busquei o meu protagonismo juvenil, procurando organizar os papéis desempenhados no meu Átomo Social familiar, ora cristalizado em relações não saudáveis. Busquei pelo uso de recursos técnicos e conceitos do psicodrama, como o uso do *solilóquio*, da *tomada de papéis e inversão dos mesmos*, como também do desenvolvimento da *tele*, com o objetivo de chegar a respostas espontâneas e criativas de todos nós (a família).

Portanto, este trabalho monográfico se baseia numa experiência autobiográfica sobre a qual estarei processando e elaborando teoricamente a partir de conceitos e técnicas morenianas e pós-morenianas. A experiência profissional que desenvolvi em consultório particular como psicóloga, utilizando o psicodrama, assim como em instituições, durante e após a formação, contribuíram para que se realizassem esta ousada pesquisa, expressão do contexto da minha matriz social e de identidade. A escolha deste tema se constitui numa possibilidade de fazer ciência com as experiências do cotidiano, só permitidas por uma abordagem fenomenológica-existencial e numa perspectiva da pesquisa-ação em que a pesquisadora participante está intimamente envolvido no processo.

Nos capítulos seguintes apresentarei o psicodrama e os conceitos principais que nortearam esta pesquisa, como a teoria de papéis, a matriz de identidade e o de átomo social. Em seguida, descreverei o método, a experiência, e apresentarei seu processamento teórico, seguido das respectivas considerações finais.

Logo abaixo segue um lindo poema escrito pela grande amiga Maria Cristina, na ocasião da apresentação do presente trabalho:

*Helen dos pés descalços  
Helen do amor e da solidão  
Da luta, das vitórias  
Dos afetos verdadeiros*

*Helen madura, atriz  
Irreverente, profunda  
Ampla na intuição  
Na palavra e no silêncio  
Mãe, filha, irmã, mulher, amante*

*Helen serena, singular  
Buscando as verdades de si  
De pai, mãe, irmão*

*Helen de Moreno  
Livre, leve, sonhadora  
Espontânea*

*Helen das portas e braços  
Abertos para o abraço  
Encontro feliz  
De pai e filha*

*Helen da palavra que acolhe  
Mãe da mãe  
Desejando ser da mãe, filha  
Do irmão, irmã*

*Lado a lado com o irmão  
Libertando e se libertando  
Pela espontaneidade  
Pelo cuidado, pela dor*

*Helen resiliente, na vida e na morte*

*Helen instrumento de amor  
Dona de si, da própria história  
Helen humana, psicodramatista da vida!*

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO PSICODRAMA

### 2.1 DEFINIÇÃO DE PSICODRAMA

Moreno se propunha a iniciar por onde Freud terminava: em vez de interpretar sonhos, estimular a sonhar. Era o tempo do apogeu da revolução freudiana. A psicologia estava com as “ações” em alta; a psicanálise havia desencadeado uma turbulenta marcha em busca do inconsciente; e em meio a tudo isso surgiu o Psicodrama (AGUIAR, 1998, p. 18).

“Drama” vem do grego e significa “ação” ou “coisa feita”. O psicodrama pode ser definido como a ciência que explora a “verdade” por métodos dramáticos (MORENO, 1997, p. 17). Historicamente, o psicodrama surgiu do jogo, como fenômeno ligado à espontaneidade e criatividade. O jogo seria o princípio da autocura e da terapia de grupo, tornando-se um princípio metodológico e sistemático, conduzindo-se para o teatro da improvisação (ou teatro da espontaneidade) e depois ao teatro terapêutico e ao psicodrama (FONSECA FILHO, 2008, p. 18; 23), ou seja, Moreno criou uma escola psicológica que aproxima a psicoterapia da vida cotidiana, estudando os papéis sociais e como eles se vinculam, e para isso utilizou-se da Teoria Sicionômica, que é constituída pela sociodinâmica, sociometria e sociatria (NUDEL, 1994, p. 11).

A *sociodinâmica* consiste em estudar o funcionamento (ou dinâmica) das relações interpessoais. O seu método de estudo é o *role-playing* (ou jogo dos papéis), que permite ao indivíduo atuar dramaticamente diversos papéis, desenvolvendo um papel espontâneo e criativo (GONÇALVES et al., 1988, p. 41).

A *sociometria* tem por objetivo medir as relações entre as pessoas, e seu método é o teste sociométrico, o qual possibilita quantificar as relações estudadas. Por último, a *sociatria* constitui a terapêutica das relações sociais, tendo como método a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama (id., ibid., p. 41).

Moreno acreditava que, com a aplicação desses três métodos da *sociatria*, era possível o tratamento e a cura do sujeito em seu contexto social mais amplo. O psicodrama trata do indivíduo e do grupo através da ação dramática. A psicoterapia de grupo prioriza o tratamento das relações interpessoais inseridas na dinâmica grupal. E o sociodrama é um tipo de terapia especial, em que o protagonista é sempre o grupo, uma vez que as pessoas estão reunidas em prol de uma tarefa ou objetivo

comum. Apesar dessa divisão clássica, na prática, o trabalho do psicodramatista foi consagrado pelo termo: Psicodrama (id., ibid., p. 43).

O psicodrama é um método específico de psicoterapia, uma abordagem de tratamento psicológico que pode ter aplicações terapêuticas ou não terapêuticas. A primeira utiliza-se de clínicos profissionalmente formados, que procuram tratar de clientes afetados por um menor ou maior grau de distúrbio. Já as aplicações não terapêuticas são atividades de caráter experimental, desenvolvidas com pessoas saudáveis, que delas participam em função de seu desenvolvimento pessoal (KELLERMAN, 1992, p. 22).

Para tanto, os instrumentos psicodramáticos são cinco: o palco, o sujeito ou paciente, o diretor, o *staff* de assistentes terapêuticos ou egos auxiliares e o público. O palco propicia ao paciente um espaço vivencial que é flexível e multidimensional, ou seja, o espaço cênico é uma extensão da vida, onde realidade e fantasia não estão em conflito. O sujeito ou paciente é orientado a ser ele mesmo no palco, a retratar o seu mundo privado. O diretor tem de estar alerta à ação dramática, ao discurso. Os egos auxiliares ou atores terapêuticos são extensões do diretor e sua função é atuar e retratar papéis requeridos pelo mundo interno do paciente. Por fim, o público tem dupla finalidade: 1) pode servir para ajudar o paciente, sendo ele próprio ajudado pelo sujeito no palco ou 2) converte-se em paciente (MORENO, 1997, p. 17).

O psicodrama se divide didaticamente em duas partes: ciência natural e humana. A abordagem da ciência natural é conhecida como psicodrama “comportamental” e a humana, como “existencial” (ou fenomenológico). O psicodrama “comportamental” tem por meta curar enfermidades, modificar comportamentos ou promover o ajustamento social, empregado em casos de pacientes que demandam a satisfação de necessidades mais fundamentais, tais como a remissão de sintomas (KELLERMAN, 1992, p. 43).

O psicodrama “existencial” é uma experiência emocional que se dá dentro do enquadramento de um encontro interpessoal, com os valores espirituais que lhes são próprios. É usado quando a pessoa está motivada para libertar-se de concepções falsas sobre si e das percepções irrealistas a respeito dos demais. Dessa forma desenvolve seu processo de protagonismo, preenchendo suas necessidades básicas e, assim, pode empenhar-se em desenvolver maior autorrealização e espontaneidade, uma vez que sua meta é fazer com que cada indivíduo se torne o mais espontâneo e criativo possível, dentro das limitações pessoais de cada um (id., ibid., p. 43). Este é

o psicodrama definido por Moreno, e o psicodrama considerado clássico ou Moreniano é a força-motriz deste trabalho.

Moreno (1997, p. 231) define o psicodrama como um método de diagnóstico, assim como de tratamento. Um de seus aspectos característicos é que a representação de papéis faz parte do processo de tratamento e a forma de aplicabilidade deste método destina-se a todos os níveis de idade. Através de técnicas como as do ego-auxiliar, da improvisação espontânea, da autoapresentação, do solilóquio, da interpolação de resistência, revelam-se novas dimensões da mente e o mais importante, as técnicas podem ser exploradas em condições experimentais.

## **2.2 FORMAÇÃO DA IDENTIDADE**

### **2.2.1 Matriz de identidade**

Moreno afirmou que sua produção científica só existe graças à religião e que, no terreno espiritual, a ciência prospera melhor. Ele explica a divindade do nascimento como o primeiro ato espontâneo e, logo ao nascer, a criança é inserida num conjunto de relações, constituído em primeiro lugar por sua mãe (que é o primeiro ego-auxiliar), seu pai, irmãos, avós etc.; chamando esse conjunto de relações de Matriz de Identidade (FONSECA FILHO, 2008, p. 30; GONÇALVES et al., 1988, p. 41).

A criança, ao nascer, passa a pertencer a uma configuração social das relações interpessoais, conhecida como átomo social. Inicialmente é constituído por mãe e filho, mas, com o passar do tempo, vai ampliando as relações afetivas com todas as pessoas que entram no seu círculo e provocam sensações agradáveis ou desagradáveis e para as quais, reciprocamente, ela é agradável ou desagradável. Esse mundo inicial é denominado *Primeiro Universo*, que está dividido em dois tempos: o primeiro tempo do Primeiro Universo (ou Período da Identidade Total) se desenvolve no momento em que a criança não diferencia pessoas de objetos, nem fantasia de realidade; só há o tempo presente; todas as relações são de proximidade; não existe sonho, pois não há possibilidade de registros; corresponde à *Matriz de Identidade Total Indiferenciada*. Enquanto que o segundo tempo, do Primeiro Universo (ou Período da Identidade Total Diferenciada ou de Realidade Total), ocorre quando começa a diferenciar objetos de pessoas; surgem certos registros, possibilitando os

sonhos; as relações começam a ter certa distância; corresponde à *Matriz de Identidade Total Diferenciada* (GONÇALVES et al., 1988, p. 60; 63).

O início do *Segundo Universo* é marcado pela ocorrência daquilo que Moreno chamou de “a brecha” entre fantasia e realidade, que, até esse momento, operava de forma misturada. A partir desse momento, o indivíduo começa a desenvolver dois novos conjuntos de papéis: os sociais referem-se a um mundo social; enquanto que os psicodramáticos relacionam-se com o mundo da fantasia, ficando conhecido como *Matriz de Identidade da Brecha entre Fantasia e Realidade* (id., ibid., p. 61).

Durante o período da *Matriz de Identidade da Brecha entre Fantasia e Realidade*, Moreno relata a existência de três fases: a primeira é a *Fase do Duplo*, marcada pela indiferenciação e quando a criança necessita de alguém que faça por ela aquilo que não consegue fazer sozinha, necessitando de um ego-auxiliar (id., ibid., p. 62). É exatamente esta fase que serve como fundamento teórico para a *Técnica Psicodramática do Duplo*: tal técnica coloca o ego-auxiliar na função de expressar os sentimentos e pensamentos que o protagonista não percebe ou não consegue expressar (CUKIER, 1992, p. 4; 40).

Passando para a segunda fase, a *Fase do Espelho* ou *Fase do Reconhecimento do Eu*, Moreno se inspirou no fato de a criança ver sua imagem refletida e estranhá-la, dizendo “olha o outro nenê”. Logo, existem dois movimentos nessa fase, ora concentra-se a atenção em si e não percebe o outro, ora concentra a atenção no outro e ignora a si própria (GONÇALVES et al., 1988, p. 62). Dessa forma, na *Técnica Psicodramática do Espelho*, o terapeuta assume a postura física do sujeito em determinado momento, visando possibilitar ao sujeito olhar para si de fora da cena e perceber os aspectos nela presentes e suas reações diante desses aspectos (CUKIER, 1992, p. 4; 40).

E na terceira e última fase, a *Fase de Inversão* (ou *Fase do Reconhecimento do Tu*), que ocorre primeiramente a tomada de papel do outro para posteriormente ocorrer a inversão concomitante dos papéis (GONÇALVES et al., 1988, p. 62). Portanto, a *Técnica de Inversão de Papéis* permite ao sujeito vivenciar o papel do outro, além de fazer emergir dados sobre seu próprio papel (CUKIER, 1992, p. 4; 40).

Chegando ao momento em que o Eu e o Tu estão reconhecidos, encontramos na fase da *Relação de Corredor*. Segundo Moreno, estabelece-se a “brecha entre fantasia e realidade”, o que permite à criança uma capacidade discriminatória entre fantasia e realidade, entre o que sou Eu e o que é “o resto do mundo”. Nesse

momento, a criança começa a experimentar os primeiros ensaios da inversão de papéis e está também aperfeiçoando suas capacidades cognitivas e emocionais, está relacionando-se com os Tu de sua vida, de forma a ser um Tu de cada vez, isto é, a criança faz relacionamentos exclusivos e possessivos. Ela não consegue ainda captar o mundo e a relação das pessoas a sua volta como um todo. Relacionando com a *Fase da Pré-Inversão*, quando a criança inicia o ensaio para a inversão de papéis, ela faz isso ao jogar o seu papel (papel do Eu) no mundo, e depois joga o papel do outro (do Tu), sendo outras pessoas, animais, objetos. Realiza o jogo do papel do Tu sem inversão, sem reciprocidade. Imediatamente após essa fase já conseguirá realizar a inversão de papéis completa, mas sem a reciprocidade e mutualidade da maturidade (FONSECA FILHO, 2008, p. 123).

Após o reconhecimento do Eu-Tu de forma bipessoal, agora vamos para uma relação triádica, pois aqui ocorre a *Triangulação*. Nessa fase, ocorre a “crise da triangulação”, quando a criança poderá responder com uma boa ou má resolução do complexo triangular, dependendo da intercomunicação entre os três. A resolução ideal dessa “crise” seria a criança aceitar a realidade de que “outros” têm relacionamentos independentes dela e a mesma não estaria ameaçada de perda afetiva com isso. Conquanto a *Circularização* ultrapasse essa fase triangular do desenvolvimento, a criança estará preparada para relacionar-se com mais pessoas, com grupos, amigos, escola etc. Corresponde ao que se denomina de socialização da criança, vencendo as etapas de relacionamentos bipessoais e triangulares. O sujeito ganha a perspectiva de relacionar-se com o “Eles” e sentir-se parte de um conjunto, de uma comunidade, de deixar-se entrar no mundo do “Nós”. Esse momento significará um passo importante para que seus futuros relacionamentos grupais e sociais sejam satisfatórios (id., ibid., p. 9; 125).

Depois de todo esse “treinamento” de jogo de papéis (jogar o Eu, o Tu, o Eles, o Nós) é que o sujeito vai atingir a plena capacidade de realizar uma relação humana de reciprocidade, de mutualidade. Temos, então, a *Fase de Inversão de Papéis*, que significa incluir-se do outro lado, isto é, a possibilidade de comunicação verdadeira e profunda entre duas pessoas. À medida que o sujeito ganha a capacidade de se colocar no lugar do outro (Tu) e permite que este se coloque no seu lugar, ganhará um melhor conhecimento da realidade de outros mundos pessoais e, conseqüentemente, também do seu. É nesta fase que ocorre o processo de desenvolvimento da *tele* (id., ibid., p. 130).

A *tele* influi decisivamente sobre a comunicação, pois só nos comunicamos a partir daquilo que somos capazes de perceber. Para Moreno é também a “percepção interna mútua entre dois indivíduos”. A percepção *télica* pode ser experimentada pela maior parte das pessoas e não é fácil, nem possível, que esse fenômeno predomine em todos os momentos de um relacionamento (GONÇALVES et al., 1988, p. 48).

O indivíduo depara-se com o momento de plena capacidade da percepção do outro. Com a culminância da inversão de papéis autêntica, entre as pessoas, estabelece-se o *Encontro* – de forma tão intensa que –, a *espontaneidade-criatividade* presente é liberada no ato de entrega mútua, uma vez que representa um momento de “saúde” da relação (FONSECA FILHO, 2008, p. 130).

### 2.2.2 Teatro terapêutico e a Teoria dos Papéis

Moreno afirma que *o verdadeiro símbolo do teatro terapêutico é o lar particular*. Com isso, emergiu o teatro em seu mais profundo sentido, pois os segredos mais resguardados resistem significativamente a um contato ou a uma exposição. *A primeira casa, em si, o local onde a vida começa e acaba, a casa do nascimento e a casa da morte, a casa das relações interpessoais mais íntimas*, torna-se um palco e um pano de fundo (MORENO, 1997, p. 75; MORENO, 1984, p. 105):

No teatro terapêutico, a forma suprema do teatro, são originais tanto o espaço quanto o momento. O local primário da experiência, o local do nascimento, é o *locus nascendi* do teatro. O momento primário de criação é o *status nascendi*. Aqui o verdadeiro tempo e o verdadeiro espaço são reunidos numa síntese (Moreno, 1984, p. 105).

Foram às residências e praticaram uma espécie de psicodrama familiar *in situ*. Logo, a psicoterapia de grupo foi primeiramente praticada em situações reais da vida (MORENO, 1999, p. 72).

O teatro terapêutico aplica o veículo do teatro da espontaneidade para fins terapêuticos. O caráter fictício do mundo do dramaturgo é substituído pela verdadeira estrutura do mundo do paciente, seja esta real ou imaginária. Dessa forma, teatro e terapia estão intimamente entrelaçados (MORENO, 1984, p. 14; 53).

No palco terapêutico, os atores são os habitantes do lar. Caso a pessoa more sozinha, as várias sensações, sentimentos e pensamentos do mundo íntimo e particular podem emergir, como um sonho, sem enfrentar resistências. Já quando acontece de duas pessoas morarem juntas e encontram-se diariamente, assim tem início a verdadeira situação dramática, ofertando alegria ou sofrimento. É esta situação que produz conflito e torna os moradores da casa uma comunidade (MORENO, 1997, p. 76; MORENO, 1984, p. 106).

A comunidade existente no lar, por parte de seus habitantes, desempenha com propriedade inata seus papéis individuais, diante de cada membro, em suas relações interpessoais. O *desempenho de papéis (role playing)*, na ótica psicodramática, é uma função tanto da percepção como da representação de papéis, que contribui para o crescimento mental de cada indivíduo (MORENO, 1997, p. 28-29).

Cukier (2002, p. 159; 299) relata que: “O desempenho de papéis possibilita a inversão de papéis em todos os indivíduos e objetos do universo social de uma pessoa, parece ser, pelo menos teoricamente, um requisito indispensável para o estabelecimento de uma comunidade psicodramática”, proporcionando a socialização e integração do eu. Também aumenta a força e a estabilidade do ego, entendendo ego como a identidade consigo mesmo (reconhecimento do Eu); tende a diminuir a dependência; tende a ser mais eficiente quanto mais próximas forem em termos psicológicos, sociais e étnicos, assim como mãe e filho, pai e filho, marido e esposa.

O objetivo da *técnica de inversão de papéis* é vincular o sujeito A ao inconsciente de B e B ao inconsciente de A. Imagine que A e B são pai e filho ou marido e esposa: eles teriam que superar a resistência interpessoal que cada um tem pelo outro, além das resistências “interiores” que cada um tem em relação ao próprio inconsciente. Portanto, através da inversão de papel, talvez, eles sejam capazes de expor uma grande parte daquilo que estão acumulando em estoque ao longo de vários anos (id., ibid., p. 303).

### 2.2.3 Espontaneidade, Criatividade e Conserva Cultural

Para que tenhamos o prazer de nos sentirmos vivos é preciso que nos reconheçamos como agentes do nosso próprio destino. Afinal, quando não somos capazes de perceber e reconhecer as nossas vontades, impedidos de iniciativa pessoal, estamos privados de nossa espontaneidade (GONÇALVES et al., 1988, p. 46):

Na visão moreniana, os recursos inatos do homem são a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade. Desde o início, ele traz consigo fatores favoráveis a seu desenvolvimento, que não vêm acompanhados por tendências destrutivas. Enquanto essas condições, que favorecem a vida e a criação, podem ser perturbadas por ambientes ou sistemas sociais constrangedores. Nesse caso, resta a possibilidade de recuperação dos fatores vitais, através da renovação das relações afetivas e da ação transformadora sobre o meio (GONÇALVES et al., 1988, p. 45).

Espontaneidade é a capacidade de dar respostas adequadas em uma situação com graus variáveis de inovações. A novidade tem de ser qualificada segundo sua adequação *in situ*, mas não basta ser adequada: tem de estar adaptada ao inusitado. Define-se também como a resposta nova dada por um indivíduo a uma situação nova ou a uma antiga situação, isto é, a capacidade de agir de modo “adequado” perante situações novas, possibilitando uma resposta *inérita* ou *renovadora* ou, ainda, *transformadora*, de situações preestabelecidas (CUKIER, 2002, p. 106; MORENO, 1997, p. 36; GONÇALVES et al., 1988, p. 47).

Neste sentido, ser espontâneo é procurar transformar os aspectos insatisfatórios nas relações afetivas e sociais que se estabelecem no momento presente; é recuperar sua liberdade, ao reafirmar sua essência, o que é próprio de sua natureza. Logo, essa possibilidade de mudança diante da vida implica *criar*, isto é, produzir, a partir de algo que já é dado, uma coisa nova. Assim, a *criatividade* é indissociável à *espontaneidade* (GONÇALVES et al., 1988, p. 47).

Segundo Moreno (apud GONÇALVES et al., 1988, p. 48), para que a criatividade se manifeste é necessário que as *conservas culturais* constituam somente o ponto de partida e a base da ação, sob pena de se transformarem em seus obstáculos.

A espontaneidade e a conserva cultural são fenômenos tangíveis e observáveis na experiência humana. Entende-se por conserva cultural todo resultado de um

processo de criação ou de um ato criador que pode cristalizar-se nas ações dos sujeitos (GONÇALVES et al., 1988, p. 47).

### 3. CAMINHOS DE UM PSICODRAMA PARA A VIDA (MÉTODO)

Trata-se de uma pesquisa com base fenomenológica, que constrói reflexões sobre um relato de experiência que ocorreu no contexto das relações familiares da própria autora. Esta **pesquisa fenomenológica** se enquadra no contexto das **pesquisas qualitativas**, uma vez que é um modelo que tem alcançado significativo crescimento e envolve diversas metodologias, entre as quais inclui-se a **análise fenomenológica** (HOLANDA et al., 2011, p. 45). Cabe, contudo, assinalar que a Fenomenologia é um método de acesso à realidade concreta do mundo (HOLANDA et al., 2011, p. 42). Portanto, utiliza-se do psicodrama como condição existencial do próprio sujeito, na vida e para a vida. O lugar que a autora se coloca é, por conseguinte, em primeira pessoa, como sujeito da própria experiência, num ato de reflexão sobre a mesma, a partir e através do psicodrama.

A **fenomenologia eidética** pode ser entendida, segundo AmatuZZi (1996 apud HOLANDA et al., 2011), como uma metodologia que visa à elucidação de vivências, tais como emoção, percepção, aprendizagem verdadeira ou imaginação, a partir da experiência comum (cotidiana), pela reflexão. Contudo, o fundamento da eidética fenomenológica é a inseparabilidade entre teoria e experiência (HOLANDA et al., 2011, 43; 47).

A consciência, segundo Merleau-Ponty, não é suscetível de uma simples constatação, mas é uma análise intencional. Portanto, a psicologia eidética pode ser definida como um conhecimento reflexivo aliado a uma indução, ou seja, como um esforço reflexivo, combinando dois elementos que podem ser obtidos de nós mesmos enquanto sujeitos conscientes (HOLANDA et al., 2011, p. 44).

Apropriando-se, com este modelo de pesquisa, dos preceitos da **fenomenologia eidética**, utilizo como instrumento de estudo o **psicodrama**, nas interfaces cotidianas da própria vida, diante do aprendizado dos seus preceitos fundamentais e como pode ser aplicado nas relações familiares.

#### **Sujeito**

Para as reflexões produzidas neste estudo, serão analisadas experiências da autora em seu contexto familiar, como o uso dos métodos e técnicas psicodramáticas.

### **Instrumentos e técnicas**

Foram utilizadas as seguintes técnicas: o solilóquio, a inversão de papéis e tele como instrumentos de modificação de tal realidade.

### **Procedimentos**

Procedimento de Coleta de dados

Para a coleta de dados foi realizado um relato de experiências familiares atravessados pelas técnicas psicodramáticas.

### **Procedimento de análise de dados**

Analisei as experiências relatadas a partir do referencial teórico psicodramático, observando como uso do psicodrama no dia a dia pode ser uma possibilidade de transformação das relações familiares.

### **Questões éticas**

O presente estudo observa as orientações de pesquisas científicas com seres humanos, dispostas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466 de 2012. A própria autora decidiu livre e esclarecidamente construir esse relato de vida sobre o uso do psicodrama nas relações do cotidiano familiar.

## 4. RELATO DA EXPERIÊNCIA

Ao começar a ver Moreno como um amigo, eu me perguntava: “o que posso fazer para ser feliz?”. Eu olhava para a minha vida e via apenas cobranças e os dias passavam sem entusiasmo; era apenas cumprir tarefas, rotinas e um peso que eu não entendia onde se escondia. Ficava ansiosa por conhecimento, cada aula era uma descoberta sobre mim e as diversas possibilidades de olhar para a vida. Então, logo comecei a me incomodar com algumas atitudes que eu vivia em casa com a minha família e assim comecei a minha pesquisa-ação.

Voltando no tempo, quando eu estava na minha pré-adolescência, meus pais se separaram, foi tranquilo, sem brigas, nada demais, se olharmos rapidamente. Mas essa ação fez com que pai, mãe, filha e filho assumissem agora uma outra forma de relacionamento familiar.

O pai, ao sair de casa, firmou sua vinculação como provedor, sem manifestações de carinho pelo toque, que, por sinal, já não existia mais fazia muito tempo. A mãe, agora trabalhando fora de casa, passou a olhar para nós, os filhos, como “independentes” de sua presença afetuosa, ora antes muito acolhedora e participante da nossa vida cotidiana na escola e em casa. A filha, eu, passei a assumir um lugar de controle e ordem da casa e isso afetava diretamente meu irmão, agora solitário; com infância, ele descobriu um mundo em seu quarto.

Os anos passam, eu curso psicologia e logo conheço, no Psicodrama, um mundo encantador aos meus olhos, cheio de anseios e possibilidades. Logo percebo que posso ser protagonista da minha vida e à medida que o curso avança, com os seus ensinamentos, eu vou questionando a minha realidade conservada e passo a dialogar com toda a família e assim anseio por uma nova forma de existir no contexto familiar.

O pai isolado, que não fala sobre si, e esconde-se atrás dos encontros festivos, passa um vazio em seus olhos que, no decorrer dos anos, transforma-se em quilos e mais quilos, dificultando assim a sua socialização num futuro próximo. Num determinado dia fui a sua casa, como de costume, e toquei a campainha, ele veio me receber e ficou parado na minha frente como de costume, então olhei para seus olhos brilhantes e perguntei “posso te abraçar?”. Ele ficou ali estatelado, congelado, com o corpo levemente inclinado para frente e os braços abertos prontos para receber o

abraço, e assim, sem pestanejar, abracei-o de corpo inteiro, como uma filha que encontra o pai. Daí por diante sempre trocávamos afagos carinhosos, às vezes meio desajeitados, mas sempre amorosos. Já com o meu irmão, ele passou a chamá-lo para sair, atitude que antes não havia. Com a minha mãe, eles sempre se falaram monossilabicamente e assim continuaram por longos anos.

Com a minha mãe sempre cansada, eu a procurava para conversar, na cozinha do nosso apartamento, todas as noites, quando chegava do trabalho, para saber como havia sido o dia dela, mas o mesmo interesse por parte dela não existia. Foi quando indaguei:

“Mãe, você percebe que sempre pergunto sobre como você está?” (ela ficou em silêncio). Você me pede conselhos, mas não existe recíproca em você querer saber como foi meu dia na faculdade, por exemplo. Agora me diga, quem é que geralmente faz isso, a mãe ou a filha?”. Por alguns segundos, ela silenciou e depois rompeu o silêncio e disse: “É! Você é minha mãe! (ela sorriu)”. “E se eu não quiser mais ser sua mãe? Quero ser sua filha e irmã de meu irmão, apenas isso, podemos fazer isso?”. E dessa forma começamos a nos redescobrir enquanto mãe, em seu lugar pleno de mãe e administradora do lar, e eu enquanto filha de uma mãe atenta.

Já com meu irmão, ele não tinha problemas em ser filho do pai e da mãe, mas percebemos, em meio a uma briga, quando ele dizia que iria sair de casa porque não aguentava mais (ele se referia a um autoritarismo que eu exercia sobre ele). Diante deste acontecimento, tive a oportunidade de puxar um diálogo em que falei um pouco da nossa relação naquele momento, como ele era importante para mim, estando em casa, e como ele era importante para nossa mãe, sendo o filho mais novo e assim perguntei para ele: “como posso ser sua irmã?” E ele respondeu sem pestanejar: “ficando ao meu lado!”. Dessa forma nos reencontramos.

O futuro chegou. Ao longo dos anos, fui experimentando os conceitos psicodramáticos, cada vez mais internalizados e naturais. Chegamos no momento em que eu vou ter o meu maior desafio! Meu pai adoeceu e ficou hospitalizado.

A hospitalização é angustiante para mim, pois sei que meu pai tem pavor de quem usa jaleco branco e diante de uma crise de apneia do sono, na Urgência Cardíaca, ele teve uma broncoaspiração e precisou ser entubado e encaminhado ao Centro de Terapia Intensiva (CTI), ficando desacordado por um longo período. Ao despertar, acreditamos que ele vai se dando conta da sua nova realidade, enquanto paciente acamado, imobilizado e sem a oratória verbal. Nesse momento eu também

vou me dando conta de como eu poderia ajudar meu pai, diante de todo conhecimento que adquiri ao longo dos anos com pacientes em estados críticos de hospitalização, como adultos em Unidade Intensiva de Queimados (UTQ), e crianças com câncer, durante todo o tratamento, até mesmo casos em estado terminal.

Olho para meu pai e, diante dos seus olhos brilhantes, pergunto: “você sabe onde está?”. Ele olhou no fundo dos meus olhos e senti que ele queria falar, mas como seria possível? “Você consegue balançar um pouquinho a cabeça para sinalizar sim ou não?”. E assim começamos a nossa conversa. Expliquei que ele estava no Centro de Terapia Intensiva (CTI) de um determinado hospital de Aracaju/SE e como ele foi parar naquele lugar. Em dado momento, perguntei se ele conseguia compreender o que eu dizia, e ele sinalizou positivamente. Com isso, descobrimos que ele estava consciente e as respostas eram adequadas. De agora por diante, ele sempre me perguntava o que estava acontecendo: através do seu olhar, muitas vezes perdido, na angústia da falta de conversas da equipe médica para com ele, eu procurava ficar atenta aos sinais de necessidades básicas, porém vitais, no sentido de poder exercer seu protagonismo diante de tal enfermidade e o meu protagonismo diante da percepção do seu querer e do meu sentir. Assim, eu senti uma confiança que antes eu não percebia na nossa relação.

Adiantamos ainda mais o tempo e em quase onze meses de internamento, entre idas ao CTI, descidas para o quarto do hospital e retornos ao CTI, percebo-me diferente, diante da iminência da morte ou da cura. Minha relação familiar foi se adequando ao novo contexto, com mudanças nas nossas rotinas, com as novas decisões a serem tomadas, e olhar para meu pai era ver toda uma história que foi construída em cima dos pilares da ética e da verdade. Percebi também a sua aceitação e parceria no seu tratamento. Olhei para minha mãe e vi a mulher criativa que havia se tornado e a mãe solícita e amorosa para comigo; vi o meu irmão como um parceiro de vida capaz, de juntos, tomarmos as decisões mais difíceis.

## 5. PROCESSAMENTO TEÓRICO

Ao começar a descrever a experiência, fiz uma pergunta: “*o que posso fazer para ser feliz?*”. Esse *solilóquio* solitário me fez questionar a dinâmica familiar na qual estou inserida, diante dos papéis sociais desempenhados pelos membros participantes do meu núcleo familiar, que são meu pai, minha mãe, meu irmão e eu. E buscando a liberdade e a majestosa *espontaneidade*, começo a vivenciar dia após dia cada novo aprendizado do *psicodrama*.

Diante de uma família composta por pai, mãe, filho e filha começo observando a *sociodinâmica* dessas relações, isto é, observo o funcionamento dessas relações interpessoais, como atuam em seus papéis fundamentais. Após a separação dos meus pais ocorreu uma alteração na realidade, imposta com a ausência das figuras materna e paterna no cotidiano da casa. Dessa forma, saímos de um lugar aparentemente confortável da nossa *conserva cultural* para um relacionamento novo, apresentando-se uma nova forma de desempenhar os papéis de pai, mãe, filho e filha. É importante salientar que este relato é feito a partir da minha ótica. Essa nova forma de relacionamento inclui um abandono emocional para com os filhos por parte dos pais. O pai distancia-se afetivamente e passa a ser meramente provedor financeiro; a mãe exerce o papel de executora de tarefas, como uma filha, e eu, a filha, passo a administrar a casa e assumo o papel de mãe do meu irmão; ele, por sua vez, também assume esse novo papel, de tornar-se filho da irmã. Ocorrendo, dessa forma, uma *inversão de papéis* não adequada, com a mudança da realidade existencial da família.

Com a chegada do *psicodrama* na minha vida, começo a sonhar (como propunha Moreno em meio à revolução freudiana) e a observar meu *átomo familiar*, minha família, passando a tomar consciência dos papéis atuados por cada um e como estávamos vivendo relações pouco espontâneas e criativas, presos numa *conserva* que já fazia anos. Dessa forma, tomo consciência do meu papel central na família e percebo a possibilidade de intervir nesse contexto, buscando a *espontaneidade* (*spont*, que significa de *livre vontade*) outrora esquecida: busco ser a *protagonista* da minha vida.

Começo meu protagonismo ao encontrar com meu pai, e vê-lo agora com outros olhos. Faço da minha sensibilidade mecanismo de atuação, utilizando a *tele* na alteração do contexto, passando a romper a quarta parede (como é dito no teatro) e

entrando em cena de forma afetiva e recíproca ao abraçá-lo, possibilitando *o encontro*. Logo é percebida, com essa ação, a mudança na nossa realidade de pai-filha, sendo agora envolvida pela resposta espontânea de afeto.

Quando a situação descrita acima aconteceu, estive confiante, diante das ferramentas que eu estava adquirindo enquanto estudante de psicodrama e comecei a pensar na minha mãe, e fui percebendo como existia uma relação autêntica, porém invertida, e como essa relação me tornava triste, por ser órfã de uma mãe. Assim, busquei o melhor momento para minha intervenção. Tomada por esse entusiasmo, questionei, em meus devaneios psicodramáticos, a minha relação irmã-irmão, e num dado instante ocorreu a tomada de consciência, através de uma boa discussão com ele, mas na relação distorcida e invertida de irmã/mãe – filho/irmão, apresento-me para ele por meio do *solilóquio* de “como posso ser sua irmã?”. E ele, criativamente, diante daquela nova realidade, emitiu sua resposta espontânea, “ficando ao meu lado!” Assim estamos no mesmo nível hierárquico familiar, organizando, dessa forma, nossa *sociodinâmica*.

Toda essa mudança relacionada acima no desempenho de papéis no seio familiar fez com que se estruturasse um canal de comunicação autêntico entre eu e os meus familiares, e assim pudéssemos desempenhar nossos papéis espontaneamente. Quando chega uma nova situação, a hospitalização do meu pai, houve o resgate da minha sensibilidade, em prol de uma nova forma de comunicar-me, tendo dessa forma uma resposta criativa. E para isto, utilizo-me, por diversas vezes, da *tele* como instrumento principal nesse contexto.

Ao meu pai tornar-se paciente, eu torno-me responsável por ele, assumindo esse novo papel diante do hospital, da sociedade e da minha família. Passo agora a tomar decisões por ele e para ele, deixando-me diante de uma realidade (a princípio assustadora), a iminência da sua morte. Os dias vão passando, e nesse transcorrer convoco meu irmão para juntos assumirmos esse lugar de corresponsabilidade e assim estamos unidos no nosso papel fundamental de irmãos.

No último parágrafo da descrição do caso procuro enfatizar como fomos nos construindo e reconstruindo no jogo, com nossos papéis, e como fomos criando novas respostas aos desafios da vida que fui vivenciando, com a descoberta do psicodrama e a aplicabilidade dele na minha história. Sinto que amadureci no desempenho dos meus papéis familiares, percebo que o psicodrama me ensinou a olhar para a vida como um grande palco, em que tudo é possível se tivermos olhos para ver, corpo para

sentir e entusiasmo para transformar e agir, e a olhar para a morte como uma grande celebração em que todos aplaudem de pé a trajetória da vida no fechar de cortinas dos olhos para o descanso da alma.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa ressalta a possibilidade do treino do papel (*role-playing*) de psicodramatista no contexto do átomo familiar, diante das relações da matriz de identidade como forma de atuação e expressão dos preceitos psicodramáticos, fundamentados por Jacob Levi Moreno (1984, p. 105), retratando, dessa forma, o *Lar* como o primeiro palco a partir do momento do nascimento:

A primeira casa, em si, o local onde a vida começa e acaba, a casa do nascimento e a casa da morte, a casa das relações interpessoais mais íntimas.

Desenvolvi o papel de psicodramatista na vida cotidiana e esta, por sua vez, revelou-se um potencial criador não só no seu núcleo familiar, como também numa amplitude maior do átomo social.

Ressalto aqui, também como desdobramento dessa experiência relatada, o encontro com a morte. Morte primeiramente do papel de mãe para com sua mãe, tornando-se filha até os dias atuais; morte do papel de mãe para seu irmão, que hoje forma uma grande parceria diante dos desafios que a vida impõe e, por último, a morte de uma filha para um pai, ao permitir o adeus ao sopro da vida e, dessa forma, o palco escurece e as cortinas dos olhos se fecham diante da aceitação desse novo papel, de “órfã”. Assim, o papel da psicodramatista utiliza como forma desse desenlace a *tele*, ao permitir, nos últimos momentos de lucidez desse pai, o conforto de ser entendido, ao perguntá-lo: “*você está cansado?*”. Ele apertou a minha mão e olhou com semblante de angústia. Diante disso, respondi: “tudo bem pode descansar, relaxe. Sei que os seus pais estão com você e vão te ajudar nesse momento (nesse instante ele olha para o meu lado direito e dá um suspiro). Você só precisa ficar o mais relaxado possível diante das suas possibilidades. Eu te amo, paizinho, e vai ficar tudo bem!”.

## 7. BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, M. *Teatro Espontâneo e Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1998.

CUKIER, R. *Psicodrama Bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente*. São Paulo: Ágora, 1992.

CUKIER, R. *Palavras de Jacob Levy Moreno: Vocabulário de citações do Psicodrama, da Psicoterapia de Grupo, do Sociodrama e da Sociometria*. São Paulo: Ágora, 2002.

FONSECA FILHO, J. *Psicodrama da Loucura*. 7. ed. São Paulo: Ágora, 2008.

GONÇALVES, C.S.; WOLFF, J.R.; ALMEIDA, W.C. de. *Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. 7. ed. São Paulo: Ágora, 1988.

HOLANDA, A. F.; BRUNS, M. A. T. *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. 2. ed. Campinas/SP: Alínea, 2011.

KELLERMAN, P. F. *O psicodrama em foco e seus aspectos terapêuticos*. São Paulo: Ágora, 1992.

MORENO, J.L. *O teatro da espontaneidade*. São Paulo: Summus, 1984.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MORENO, J.L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Campinas/SP: Livro Pleno, 1999.

NUDEL, B. W. *Moreno e o Hassidismo: princípios e fundamentos do pensamento filosófico do criador do psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1994.